XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

O trabalhador da construção civil: entre o canteiro de obras e a escola

Adriana do Carmo Silva Rocha Couto
adrianarochacouto@gmail.com
Antônio de Pádua Nunes Tomasi
tomasi@uai.com.br
Centro de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG
Brasil

Resumo

Este artigo expõe a trajetória escolar e as perspectivas profissionais de operários que procuram o CEFET-MG para capacitarem-se nos trabalhos de canteiros de obras da construção civil. Ao participarem dos grupos focais utilizados na pesquisa eles revelam que, não obstante o esforço familiar para mantê-los na escola, as condições precárias nas quais se encontravam quando jovens contribuíram fortemente para uma trajetória escolar marcada por rupturas e abandonos, que os empurraram precocemente para os canteiros de obras da construção civil. Para eles, a condição operária na qual se encontram se deve muito mais a uma ausência de oportunidades ou a um fracasso da situação na qual viviam do que, propriamente, a um fracasso pessoal. O retorno à escola depois de adultos para capacitarem-se profissionalmente, melhor se posicionarem no mercado de trabalho e socialmente, e as expectativas que alimentam de dar continuidade aos estudos, inclusive em nível superior, os distanciam de qualquer sentimento de fracasso.

Abstract

This article exposes the educational path and the professional perspective of workers who search for CEFET-MG, in order to capacitate themselves on jobs in the building site of the construction industry. When they participate of the focal groups used on the research, they reveal that, notwithstanding the familiar effort to keep them at the school, the precarious conditions on which they were inserted into when they were youngers, have contributed strongly to an educational path characterized by breaking and abandonment, that push them to the construction industry early. The labourer condition to them, on which they are inserted into is due much more a lack of opportunity or a failure of the situation they lived in, than, properly, to a personal failure. The return to school after adult age in order to capacitate themselves professionally, the aim of putting themselves on the labour market socially and the expectations they hope to give continuity to the studies, inclusive on superior level, keep them distant from any failure feeling.

Palavras-chave: Fracasso escolar, capacitação profissional, trabalhadores da construção civil, escola, canteiro de obras.

Key-Words: School failure, professional capacitation, construction industry workers, school, building site.

I. Introdução

A construção civil é conhecida como um setor que emprega nos seus canteiros de obras trabalhadores migrantes dos meios rurais, jovens, pobres e analfabetos ou quase e qualificados nos próprios canteiros de obras a partir de situações concretas de trabalho (TOMASI, 1999; COSTA; TOMASI, 2009). Constata-se nestes canteiros, e não apenas no Brasil, a presença de trabalhadores com baixa escolaridade ou mesmo analfabetos, todavia qualificados e imprescindíveis para os trabalhos (TOMASI, 1996, 1999).

Quanto à migração dos trabalhadores, os fluxos migratórios que se dirigiam para as grandes cidades e para os canteiros de obras não mais existem ou não são mais os mesmos, especialmente os que se dirigiam para os grandes centros urbanos de outros países, como os europeus. Os imigrantes não parecem ter o mesmo perfil. Na atualidade, muitos deles são fugitivos de guerras. No Brasil, registra-se, também, uma redução dos fluxos migratórios em direção aos grandes centros urbanos (OLIVEIRA, 2011).

Segundo o Programa Nacional de Amostragem Domiciliar – PNAD, nos últimos 20 anos, a expansão do acesso à educação no Brasil promoveu tanto o aumento da escolaridade média quanto a redução da desigualdade educacional. A escolaridade ligada à força de trabalho passou de uma média de 5,7 anos, em 1992, para uma média aproximada de 8,8 anos, em 2012.

A redução da pobreza sinaliza importantes mudanças na população e na classe trabalhadora. Segundo números do Comunicado do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA obtidos nas pesquisas relativas aos anos 2011 e 2012

> cerca de 3,5 milhões de brasileiros saíram da pobreza em 2012. Hoje, são cerca de 15,7 milhões de pessoas vivendo na pobreza no Brasil, dos quais 6,53 milhões continuam abaixo da linha de pobreza. Em 2011, esses números eram de 7,6 milhões de pobres e em torno de 19,2 milhões de pessoas na extrema pobreza. (p. 11)

As mudanças, contudo, trouxeram problemas para o canteiro de obras, pelo menos para o seu modo tradicional de funcionamento. Mais escolarizada e menos pobre, a mão de obra jovem

procurou outras oportunidades de trabalho. Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, "Trabalho, Educação e Juventude na Construção Civil" 2010:

> Apesar de a construção ter se alinhado com novas tendências trabalhistas aumentando a escolaridade dos seus trabalhadores, reduzindo a ocupação precoce e a informalidade, há aumento da escassez trabalhista *vis-à-vis* os demais setores. (p. 23)

E, ainda,

> Em 1996, a construção já não era um setor de jovens — 34,2% dos seus trabalhadores tinham entre 15 e 29 anos, praticamente o mesmo índice, 34,6%, do total de ocupados" (idem, p. 22).

O percentual de jovens na construção civil vem caindo mais do que nos demais setores produtivos, sendo comum associar a falta de mão-de-obra na construção civil à baixa escolarização do brasileiro. Mas a pesquisa o revela contrário:

> "os jovens brasileiros, na busca de redução de seu baixo nível educacional, têm optado por começar a trabalhar mais tarde e escolhido ocupações menos manuais e mais qualificadas que as oferecidas tradicionalmente no setor da construção" (p. 22).

A redução do número de jovens ou o envelhecimento da mão de obra da construção foi observado por Tomasi (1999) em pesquisa realizada em Belo Horizonte e na Île de France, Paris, alguns anos antes (TOMASI, 1996). Os determinantes que explicariam esse envelhecimento, numa e noutra cidade, seriam semelhantes. Dentre eles, dois se destacam e se articulam: o aumento da escolaridade da população mais jovem, se comparada à dos seus pais, e as novas oportunidades de trabalho.

Outras mudanças ocorrem no interior dos canteiros de obras, cujos trabalhos de construção passaram a ser conduzidos, pelo menos nas grandes empresas, pelos mesmos sistemas de produção utilizados pela indústria, ainda que adaptados (FERREIRA, 2012).

Assim, a formação e a qualificação profissional, construídas tradicionalmente nos canteiros de obras, parecem mostrar-se insuficientes para acompanhar as atuais demandas do setor. Empresas construtoras e mesmo trabalhadores de canteiros de obras se voltam para a formação e a qualificação profissional oferecida pela escola. (FERREIRA, 2012).

Trata-se de uma parceria que pode ser observada em Belo Horizonte no Curso Intensivo de Preparação de Mão de Obra Industrial - CIPMOI da EE/UFMG, nos cursos oferecidos pelo Serviço Nacional da Indústria - SENAI e nos cursos do PROGEST/CEFET-MG.

Muitos destes trabalhadores fazem parte de uma geração que pouco frequentou a escola ou mesmo não frequentou. O IBGE situa essa população, no caso os que têm mais de 40 anos e nos interessam.

O trabalhador da construção civil de volta à escola

O Quadro abaixo mostra que, com o avanço da faixa etária, é decrescente o percentual de trabalhadores que frequentavam a escola e crescente o percentual dos que jamais a frequentaram, e isto independentemente de onde residiam, se no meio urbano ou rural.

Quadro 1

População residente por situação de domicílio e frequência à escola ou creche (2010)

Faixa etária	Frequentavam a escola	Não mais frequentavam a escola	Jamais frequentaram a escola
No meio urbano			
40-49	6,3%	89,5%	4,2%
50-59	4,4%	88,7%	6,9%
60 ou mais	3,0%	78,5%	18,5%
No meio rural			
40-49	5,1%	81,8%	13,1%
50-59	4,1	76,6	19,3
60 ou mais	2,5	61,0	36,5

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População residente, por situação do domicílio e frequência a escola ou creche, segundo o sexo e os grupos de idade - Brasil**. IBGE, Censo Demográfico 2010. p. 94.

Os dados que apontam a ausência da escola para alguns trabalhadores e sugerem uma interrupção e uma retomada da vida escolar, para outros, corroboram a assertiva de Tomasi (1999).

Para ele,

> muito cedo, ainda crianças, eles foram obrigados a acompanhar os pais, parentes ou mesmo vizinhos nos trabalhos de construção. A necessidade de contribuir para o sustento da família e mesmo de adquirir um ofício o mais rapidamente possível se impunha à escola. Assim, ajudavam e aprendiam o ofício e aos poucos se tornavam operários da construção civil. Outros, mais jovens, foram além e chegaram até a completar o ensino médio. (p. 32)

A RAIS registra uma melhora na escolaridade dos trabalhadores em geral. Na construção civil, os que tinham o Ensino Médio completo em 1997 eram 7% e, numa curva ascendente, chegaram a 35% em 2013. Mas o nível de escolaridade pode não significar muito.

Segundo Oliveira (2000),

> Em breve, todos terão oito anos de escolarização, mas nem todos terão acesso aos mesmos níveis de conhecimento. Muitos, nem mesmo a patamares mínimos. Elimina-se, assim, a exclusão da escola, não a exclusão do acesso ao conhecimento. (p. 92)

A afirmação do autor, certamente, não se aplica à totalidade dos jovens brasileiros. Logo, não se esconderia por trás dessa afirmação a existência de duas escolas? Uma para os ricos, os mais afortunados, onde o acesso a saberes e a construção de conhecimentos são facilitados, e outra para os pobres, cujo acesso é restrito?

A construção, com seus trabalhos duros, insalubres e perigosos tornou-se, um caminho "natural" para os jovens pobres. Dentre eles, muitos excluídos, inclusive, da única escola que tiveram acesso.

A escola e o canteiro de obras se colocam, então, em lugares diametralmente opostos e distantes. Quanto maior a escolaridade do jovem e mais ensino de qualidade ele acessou, mais distante se colocará de uma carreira profissional como operário da construção civil e vice versa. Construir-se-ia pela ausência da escola, no sentido amplo do termo, uma classe operária ou de operários da construção civil.

II. Marco teórico

Se parece claro que a ausência ou a quase ausência da escola contribuiu para a inserção dos jovens na vida de trabalho como operário, esse seria também o entendimento deles, os operários, ou eles apontariam outros determinantes? Que importância teriam a família, os amigos e o grupo social, no qual eles se encontram inseridos, no seu "destino" operário? Poderíamos falar de seus desejos, motivações e experiências tendo também alguma importância neste "destino"?

Estas questões nos remetem a um pensamento sociológico que se move entre o que se denominaria de polo *extraescolar* e de polo *intraescolar* (NOGUEIRA, 2012, p. 19). Para essa pesquisadora, tanto um como outro reuniriam determinante, tais como a origem social do aluno, no primeiro polo, e outros como os relacionados aos processos educacionais e pedagógicos, no segundo, que contribuiriam para o destino escolar do aluno. E esse destino escolar seria também construído a partir da dimensão cultural, da origem social e dos aspectos econômicos do meio social de pertencimento, que reproduziriam outra polarização no interior do polo *extraescolar*.

O destino escolar movido pelos fatores constitutivos de ambos os polos nos conduz a refletir sobre o destino profissional dos jovens. Tal reflexão nos localiza na fronteira de dois campos de estudo, o da sociologia da educação e o da sociologia do trabalho.

O polo *extraescolar* tem sido objeto privilegiado de estudo de sociólogos de ambos os campos preocupados com o destino dos jovens, seja o escolar, seja o profissional.

Estudos apontam uma íntima relação entre escola e desigualdade social. Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron em A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino concluem que a escola reproduz as desigualdades sociais. François Dubet (2001) outro francês, registra com propriedade a relação entre o destino escolar e o destino profissional.

Na França, com a implantação da escola democrática de massa, "tudo muda", pois a escola busca oferecer condições iguais de oportunidades. "Os alunos já não são selecionados na entrada do sistema escolar, mas durante os estudos, em função unicamente de seu desempenho" (DUBET, 2001, p. 16). Assim, o sucesso ou insucesso do desempenho escolar é atribuído ao aluno.

> Não fracasso na escola porque sou filho de trabalhador sem acesso ao liceu e condenado a ganhar a vida precocemente, mas porque meu desempenho é fraco. Então, como conciliar a afirmação da igualdade de todos com a desigualdade do mérito de cada um, como tornar compatíveis as duas faces da igualdade? (DUBET, 2001, p. 16)

As desigualdades sociais continuam a ser reproduzidas pela escola dita democrática via o mecanismo do mérito. Aos que fracassaram, aos sem mérito, o caminho do operariado.

O mérito se mostra como elemento essencial na relação entre escola e desigualdade social e pesa fortemente nos destinos profissionais. Quem vai para as Grandes Escolas e quem vai para o ensino Técnico ou superior de Tecnologia? (DUBET, 1992).

Para Tenret (2011), por trás do mérito se esconde um grande número de significações sociais ligadas às experiências escolares e sociais de cada um, o que torna o tema mais complexo do que se poderia imaginar.

Ganharam destaque, nas últimas décadas, os estudos sobre a trajetória escolar, o papel da família e sua relação com o destino do aluno, conforme nos ensinam Lahire (1997), Charlot (2000), Nogueira (2011), Zago (2011). A família se torna importante nas configurações de sucesso ou de fracasso escolar entre os alunos, “a família por intermédio de suas ações materiais e simbólicas, tem um papel importante na vida escolar de seus filhos, e este não pode ser desconsiderado” (ZAGO, 2011)

Para Charlot o “fracasso escolar não existe, o que existe são alunos em situação de fracasso”; esses “alunos, essas situações, essas histórias é que devem ser analisadas” (CHARLOT, 2000, p. 16). Para ele o fracasso ou o sucesso escolar não se limitam única e exclusivamente à origem social do aluno.

Corroborando esse pensamento, o estudo sobre a realidade escolar nos meios populares deve levar em consideração outras dimensões da vida do aluno, além da estritamente escolar, entre elas, a sua participação no trabalho e a rede de relações sociais na qual está inserido. (ZAGO, 2011, p. 20).

Alguns estudos, todavia, sobre a trajetória escolar de alunos originários das camadas populares estabelecem um vínculo do insucesso no desempenho escolar com a sua inserção no mercado de trabalho como operário. Mas o que os operários, os da construção civil, têm a dizer sobre isto? O que acreditam ter contribuído para o seu “destino” operário?

As questões como as postas acima, em que se vai ao encontro dos sujeitos e de suas histórias de vida, ainda que entrecortadas por depoimentos dados em grupos focais ou recortadas em temáticas muito precisas, como serão detalhadas mais à frente, demandam uma abordagem compreensiva como caminho metodológico a ser tomado.

III. Metodologia

Após o processo seletivo realizado a cada semestre, 40 operários da construção civil entram para o curso de Gestão de Obras que tem duração de um ano e a carga horária de 240 horas oferecido pelo Programa de Estudos em Engenharia, Sociedade e Tecnologia-PROGEST, um grupo de pesquisa do Centro Federal de educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG.

O processo seletivo dispensa comprovação de escolaridade dos candidatos, isto porque, a experiência do PROGEST mostra, como já apontado por Oliveira (2000), que a grande maioria dos candidatos não apresenta os saberes assegurados pela certificação que possuem. Utiliza-se uma prova escrita de múltipla escolha com conteúdos do ensino fundamental suficientes para que os aprovados possam realizar o curso de Gestão de Obras.

O curso destina-se aos trabalhadores da construção civil e, como muitos deles trabalham como autônomos ou sem registro em carteira de trabalho, não é exigida qualquer comprovação do exercício profissional na construção. À prova de matemática, português (interpretação de texto) e conhecimentos gerais, acrescentam-se questões específicas e relativas aos trabalhos de construção.

Após aprovação e matrícula no curso, os operários/alunos passam a frequentar as aulas que são conduzidas por Formadores, alunos dos cursos de Engenharia do CEFET-MG ou ex-alunos. Diferentemente dos professores, os Formadores tão somente criam as condições para que o conhecimento seja construído (BARBIER, 2009), num processo de mão dupla ou de troca. Eles participam das aulas com o saber teórico e os operários com a experiência de trabalho.

A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2014 com 20% dos alunos(as)/operários(as) das duas turmas do curso de Gestão de Obras, cujas matrículas ocorreram no segundo e primeiro semestres de 2013 e 2014, respectivamente. Tendo em vista a evasão ocorrida ao longo desse tempo foram escolhidos aleatoriamente 13 alunos/operários, correspondentes à porcentagem definida.

QUADRO 2

Idade, sexo, escolaridade, ofício e tempo de experiência no ofício, declarados pelos alunos pesquisados

Aluno/ operário	Idade (anos)	Sexo	Escolaridade	Ofício	Tempo Ofício (anos)
R.J.M.	41	M	Ensino Médio	Mestre de Obras	18
W.A.F.	36	M	Ensino Médio	Aux. Adm.	3,5
A.R.M.	55	M	Ensino Fund.	Pedreiro	20
J.W.M.	38	M	Ensino Fund.	Pedreiro/Pintor	15
Ali.	26	F	Ensino Médio	Aux. Adm.	Desempregada.
Sid.	36	F	Ensino Médio	Recepcionista	Desempregada
Fel.	30	M	Ensino Médio	Ajudante de obra	5
J.Sa.	55	M	Ensino Superior (incompleto)	Eletricista predial/Bombeiro hidráulico	30
R.V.R.	37	M	Ensino Fund.	Operário de siderurgia	17
Cla.	35	M	Ensino Fund.	Ajudante de Obra	14
Ada.	48	M	Ensino Fund.	Representante Comercial	14
Sel.	49	F	Ensino Médio/ Técnico	Proprietária de salão de beleza	10
Seb.	45	M	Ensino Fund.	Mestre de Obras	37

Segundo o QUADRO 2, três dos alunos pesquisados são mulheres e nenhuma delas trabalha ou já trabalhou na construção civil e, entre elas, duas estão desempregadas. Elas declararam, também, possuir uma escolaridade superior à declarada pela maioria dos homens pesquisados e igual à declarada por três outros. Entre os homens, três declararam não trabalhar na construção civil e nenhum deles declarou estar desempregado.

Os 13 operários (as)/alunos(as) foram divididos aleatoriamente em três grupos focais e ao longo de duas horas trataram das seguintes temáticas: a vida escolar e o apoio da família; as dificuldades para estudar e os motivos para abandonar ou retornar à escola; os sentimentos em relação à escola; a escola e as perspectivas de vida e profissionais.

IV. Análise e discussão dos dados

A vida escolar dos entrevistados aparece entrecortada por necessidades ou acidentes de percurso, o que implica descontinuidades. Ingressar na escola fora da idade, parar os estudos e retornar alguns anos depois acontece com frequência.

> J.Sa. – Eu comecei estudar a 1ª série com nove anos de idade. Eu já sabia ler e escrever que minha mãe me ensinava. Com treze anos eu terminei e voltei com 17 anos, de novo, para fazer da quinta à oitava. Parei e voltei depois de 12 anos para fazer a suplência. A minha suplência foi muito picada. (J.Sa. Eletricista predial, Bombeiro hidráulico, 55 anos - M).

Outro mostra o ingresso precoce no mercado de trabalho, antes mesmo de completado o ciclo básico de ensino e, ainda, a importância do apoio familiar.

> Eu comecei a trabalhar cedo, porque os pais antigamente incentivavam mais os filhos a trabalhar do que até estudar, né? Eu tenho um irmão que ele que incentivou a gente a estudar, o pouco que a gente sabe. Eu comecei a estudar com uns 8 anos de idade, com dois anos na escola eu já tinha feito duas séries numa, então dei tipo um pulo, né? E nessa minha região eu fui até a quarta série primária. Minha região é do vale do Aço. Até a quarta série primária, e no mais trabalhando mesmo. Aos meus dezesseis anos eu já era um profissional, um pedreiro. (Seb. Mestre de Obras, 45 anos - M)

A falta de estímulo para estudar:

> (...) você não era estimulado a estudar. Por exemplo, o meu pai mesmo falava que eu estudava pra mim, não era pra ele. Então, pra uma criança de 10 anos é desestimulante. Então, com 12 anos eu não estava mais na escola. Fui procurar ensino mais tarde, coisa que eu já devia ter feito antes. (R.V.R. Operário de siderurgia, 37 anos - M).

O apoio vindo da família:

> Lá em casa os meus irmãos apoiavam em caso de passagem, alimentação... Até hoje se eu preciso de alguma coisa, mesmo eu morando sozinha, eles sempre quiseram me ajudar. Ajuda, mas é o básico. Também o básico é o caderno, livro, a borracha... Pra poder estudar e trabalhar, eles deram força e deu um jeito de pelo menos a gente formar no ensino médio. (Ali. Auxiliar administrativo, 26 anos – F).

A frequência à escola ou a continuidade dos estudos depende de esforços da família, que a valoriza, tomando como referência seu universo social e cultural e não apenas econômico. Segundo Bourdieu (1996, p. 131) a família “tem um papel determinante na ordem social, na reprodução, não

apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais".

As dificuldades para estudar e os motivos para abandonar ou retornar à escola

As dificuldades na continuidade dos estudos encontram-se na realidade social e familiar, envolvendo situações tais como: localização, finanças e ausência de uma maior atenção do Estado.

> Eu vim do interior, também, de roça, de Betim, Sarzedo, quando era roça. Não tive oportunidade de estudo por causa de família. Problemas familiares que, às vezes, não vem ao caso, mas fiz até a 3ª serie, sai aos treze pra rua. Voltei a estudar aos dezenove, formei e hoje eu estou aqui, continuo estudando, até porque foi uma oportunidade, se eu não tivesse perdido, mas também se eu tivesse tido oportunidade, às vezes eu não estaria aqui, então é o que eu passo hoje para o meu filho. (R.J.M., Mestre de obras, 41 anos – M)

A descontinuidade nos estudos ou a ausência da escola não é sentida pelos alunos como um fracasso pessoal. Eles não estudaram porque não tiveram condições, moravam longe, tinham que trabalhar. Depreende-se daí, como observam Tomasi e Ferreira (2013), que, se quisermos entender essa descontinuidade nos estudos como fracasso escolar dos jovens, ela se mostra muito mais ligada à escola, ou melhor, à ausência dela do que, propriamente, a eles próprios.

Os sentimentos em relação à escola

A escola é a oportunidade perdida ou reconquistada. Reconquista que se deu superando obstáculos que se punham entre eles e ela: necessidade de trabalhar ainda muito jovens para ajudar a família, imposições dos pais, ainda que as mães os apoiassem em seu desejo de ir à escola, distância da escola ou mesmo a inexistência dela, em especial para os que habitavam no meio rural.

A escola parece resguardada de qualquer sentimento de negatividade. Ela é uma oportunidade perdida.

> Eu não estudei porque eu não tive oportunidade mesmo, porque na época eu tinha que trabalhar pra ajudar a sustentar a família, era roça, zona rural, ai o pai falava, você não vai à escola e eu não podia ir. Ele não deixava ir de forma alguma. (J.W.M., Pedreiro, Pintor, 38 – M)

Eles reconhecem a importância da escola.

> Eu morava na zona rural, inclusive, para mim, ir à escola era um longo trecho de estrada de chão, uma tremenda poeira, e não tive oportunidade de estudar. Só o fundamental mesmo, mesmo assim porque minha mãe obrigou meu pai a me por na escola, com sacrifício. (A.R.M., Pedreiro, 55 – M)

A escola é algo que lhes faltou, quando jovens, por vezes de forma abrupta, e eles lamentam, mas também se orgulham de a ela retornarem.

A escola e as perspectivas de vida e profissionais

As perspectivas de vida e profissionais estão ligadas à realidade de cada um. A escola aparece como associada a essas perspectivas, porque pode propiciar a construção de novos conhecimentos, certificação profissional, reconhecimento social e mesmo melhoria de vida.

O canteiro de obras, tradicionalmente local privilegiado de formação profissional para os trabalhadores da construção civil, parece não mais atender por inteiro as demandas de trabalhadores, que veem na escola uma importante aliada para assegurar a sua carreira profissional.

> Trabalho como ajudante de obras e minha intenção no curso é poder justamente progredir, trabalhar. Pretendo, também, fazer técnico de edificações, seguir um pouco mais dentro da profissão. (Fel., Ajudante de obra, 30-M)

Registra-se o interesse dos operários em continuar estudando, em fazer um curso técnico ou superior, o que poderia lhes assegurar os conhecimentos e os reconhecimentos acima apontados.

> Quero fazer o curso na área de construção civil, mesmo. Eu estou avaliando, eu acho que engenharia é um curso pesado. Eu quero um curso que não cobre tanto assim. Tenho em vista o Tecnólogo na construção civil. Um curso de 3 anos concilia bem com o meu estado atual e com as exigências, mas eu não descarto a engenharia, também, não. (R.V.R., Operário de siderurgia, 37-M).

V. Considerações finais

Muito embora a amostra estudada esteja longe de ser representativa dos trabalhadores da construção civil, ela expõe a trajetória escolar e as perspectivas profissionais de um conjunto muito particular de trabalhadores que procuram o CEFET-MG para capacitar-se nos trabalhos de canteiros de obras da construção.

Essa trajetória, *grosso modo*, não é diferente da apontada por alguns autores ao se referirem à população brasileira em geral, marcada por interrupções - que contribuíram para que jovens se tornassem operários - e retomadas da vida escolar ao longo da vida.

Como observa Zago (2011), entre outros, a família tem um papel importante na vida escolar dos alunos estudados, dando suporte e incentivando-os a se manterem na escola, com as mães desempenhando papel destacável.

A retomada da vida escolar para capacitarem-se profissionalmente sugere uma preocupação em melhor se prepararem para o mercado de trabalho e para as contingências profissionais, mas, também, melhor se posicionarem socialmente e mesmo deixarem a vida operária.

Observa-se a ausência de qualquer sentimento de fracasso entre os alunos estudados. Ao contrário, eles acreditam que, se tivessem a oportunidade de frequentar a escola, eles seriam bem sucedidos. Parece-nos inapropriado, portanto, falarmos de fracasso escolar, mesmo porque a experiência escolar, quando ainda jovens, é quase inexistente, e quando adultos é marcada por muita determinação e mesmo sucesso.

VI. Bibliografia

BARBIER, Jean-Marie. Le champ de la formation des adultes. In: **ENCYCLOPEDIE de la formation**. Paris: Presses Universitaires de France, 2009. p.1-28.

BOUDON, R. **Os métodos em sociologia**. S. Paulo, ed. Ática, 1989
.
BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução Reynaldo Bairão. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURNAZEL, A. **L'éducation tout au long de la vie**. Une nouvelle éducation nationale. Paris: éd. Ellipse, 2001.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COSTA, L. R.; TOMASI, A. P. N. O Canteiro de Obras é a escola? Formação e qualificação profissional na construção civil. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 2, p. 7-13, 2009. Disponível em:<http://datafolha1.folha.com.br/empregos/segmentos?reference_date=2014-11-10&segment_id=3&find=Enviar>. Acesso em: 12 dez. 2014.

DADOY, M. La notion de qualification chez Georges Friedmann. **Sociologie du Travail**, Paris, v.29, n. 1, p. 15-34, jan./mar. 1987. DADOY, M. Analyse du travail e classifications professionnelles.

DUBET, F. As desigualdades multiplicadas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 17, maio/ago. 2001.

DUBET, F. **Comment devient-on ouvrier?** Autrement. Ouvriers, ouvrières. Un continent morcelée et silencieux. Paris: Éditions Autrement, 1992. p. 136-144. (Série Mutations; n. 126)

FERREIRA, J. E. R. M. **A formação ao longo da vida**: um estudo sobre a formação profissional de trabalhadores da construção civil. 2012. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG, Belo Horizonte, 2012.

FOURCADE, Bernard. La formation Tout au Long de La Vie. In: **ENCYCLOPEDIE de la formation**. Paris: Presses Universitaires de France, 2009. p. 920.

FRIEDMANN, G. **Problèmes humains du machinisme industriel**. Paris: Galimard, 1946.

FRIEDMANN, G. **Où va le travail humain?.** 11. éd. Paris: Gallimard, 1950.

FRIEDMANN, G. **Sept études sur l'homme et la technique**. Paris: Denöel/Ghontier, 1966.

FRIEDMANN, G. **O trabalho em migalhas**. S. Paulo: ed. Perspectiva, 1972.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico de 2010, Educação e Deslocamento, 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/educacao_e_deslocamento/IPEA, Comunicado>. Acesso em: 14 dez. 2014.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

MEIRIEU, P. Éducation et formation tout au long de la vie. **Comité Mondial pour l'éducation et la formation tout au long de la vie**. Paris: UNESCO, 2005.

MERLE, V. Apprendre tout au long de la vie: pourquoi, comment? **Comité Mondial pour l'éducation et la formation tout au long de la vie.** Paris: UNESCO, 2006.

NERI, M. (Coord.). **Trabalho, Educação e Juventude na Construção Civil**. Fundação Getúlio Vargas, 2011. Disponível em: <http://cps.fgv.br/construcao>. Acesso em: 15 dez. 2014.

NERI, M. C. **Duas décadas de desigualdade e pobreza no Brasil medidas pelo Pnad/IBGE**. Brasília, 2013. (Comunicados do Ipea, n. 159)

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI. A Sociologia da Educação e suas tensões. In: BITTAR, M. et al. (Org.). **Pesquisa em Educação no Brasil**: balanços e perspectivas. Edufscar, 2012. p. 19-36.

NOGUEIRA, M. A; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). **Família & escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, L. A. P; OLIVEIRA, A. T. R. **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. IBGE, 2011.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Reformas educativas no Brasil na década de 90. In: CATANI, Afrânio Mendes; OLIVEIRA, Romualdo Portela de (Org.). **Reformas educacionais em Portugal e no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 77-94.

RAIS 1997-2013 – MTE – Elaboração: banco de dados-CBIC. Disponível em: <http://www.cbicdados.com.br/menu/emprego/rais-ministerio-do-trabalho>. Acesso em: 7 fev. 2015.

TEIXEIRA, E. S.; ANTUNES, L.C. Casas familiares rurais e desempenho escolar: um estudo na região sudoeste do Paraná. **Revista Diálogo Educação**, Curitiba: v. 11, n. 34, p. 951-969, set./dez. 2011

TEIXEIRA, E. S; BERNARTT, M. L; TRINDADE, G. A. Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo: FEUSP, v. 34, n. 2, p. 227-242, maio/ago. 2008.

TENRET, E. **L'école et la méritocratie**: Représentations sociales et socialisation scolaire. Paris: PUF, 2011.

TOMASI, A. P. N. **A construção social da qualificação dos trabalhadores da construção civil de Belo Horizonte**: estudo sobre os mestres de obras. (Relatório de Pesquisa/CNPq). UFMG, 1999.

TOMASI, A. P. N. **Contribution à l'étude de la construction sociale des capacités professionnelles des agents de maîtrise du bâtiment**. Tese (Doutorado)–Université Paris VII, Paris, 1996.

TOMASI, A. P. N.; FERREIRA, J. E. R. M. Engenheiro ou Operário? O Lycée Martin Nadaud e a Formação Profissional na França. **Revista Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 35-53, set./dez. 2013.

VASCONCELLOS, M**. L'enseignement supérieur em France**. Paris: La Découverte, 2006.

VASCONCELLOS, M.; BONGRAND, Ph. **Le système éducatif**. Paris: La Découverte, 2013

ZARIFIAN, P. **Le travail et l'événement**. Paris: L'Harmattan. 1995.